

OS CAMINHOS DO ROMANCE

LEONARDO DE ANDRADE CASTILHO*

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Resumo

Neste trabalho são expostos e analisados alguns elementos da história do romance. Como a trajetória romanesca atravessou vários séculos, seria impossível, neste artigo, tentar mapear todo o seu caminho. Em vista disso foram abordados três períodos, considerados basilares, para a compreensão da história do referido gênero: a Antiguidade Clássica, a Idade Moderna (em especial o século XVIII) e o século XIX.

Palavras-chave: História do romance. Literatura. Romance. Século XVIII. Século XIX.

O ROMANCE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

O romance, segundo os estudos de Mikhail Bakhtin (1993), é um gênero que data da Antiguidade Clássica. A prosa romanesca, porém, foi, ao longo dos séculos, colocada à margem dos estudos literários. Isso fica evidente quando se constata que não há nenhuma menção ao romance nos principais tratados de poética da Antiguidade Clássica. Aristóteles e Horácio, em seus estudos, deixaram de lado as obras romanescas. Além disso, aqueles que eram considerados os principais escritores do referido período, como Virgílio, Hesíodo, Tucídides e Tácito, dentre outros, não praticaram o gênero. Segundo Franklin de Mattos (2004, p. 18), os romances foram cultivados nas “baixas épocas” (MATTOS, 2004, p.18), por autores pouco

recomendados, como Petrônio, Apuleio, Longo e Heliodoro. Considerada, então, como um gênero plebeu e sem um modelo fixo e bem delineado – características essas encontradas noutras formas literárias da época –, a prosa romanesca, na Antiguidade, foi praticamente desconsiderada. Talvez, a própria ausência de uma maneira de reproduzir as obras em larga escala (a imprensa foi inventada por Gutemberg somente no século XV) tenha contribuído para que o romance se tornasse pouco contemplado pelos escritores e pelo público. Com o drama, no entanto, a falta da imprensa não foi um empecilho, já que as obras eram representadas para um grande número de pessoas.

O ROMANCE NA Idade Moderna

Para grande parte dos historiadores literários, o romance consolidou-se, como um gênero praticado e bastante lido, somente a partir do século XVIII. Ian Watt (2007) afirma que o termo “romance” só se consagrou no final dos Setecentos. Todavia, é sabido que o romance, antes da Idade Moderna, fora praticado por outros autores que não eram ingleses, nem franceses. Desse modo, é, à primeira vista, no mínimo estranha, a ideia de que Ian Watt e outros historiadores desconsiderem, por exemplo, **Dom Quixote** (1605), de Miguel de Cervantes, **O diabo coxo** (1641), de Luis Vélez Guevara, o texto anônimo de **Lazarillo de Tormes**, **Bom Pantagruel** (1532), de François Rabelais, etc., ignorando, desse modo, a produção que surgiu antes de Samuel Richardson, Daniel Defoe, Henry Fielding e outros escritores europeus. Partindo disso, discorrerei sobre alguns fatores que ajudaram a colocar o romance em evidência, bem como acerca das críticas que o gênero sofreu, mesmo no período que é considerado o início de seu auge.

O realismo é, para Ian Watt (2007), o fator essencial que distingue a prosa romanesca dos escritores do século XVIII daquela produzida anteriormente. A ideia de realismo, aqui, não deve ser confundida com o movimento realista francês da segunda metade do século XIX, que foi pautado pela incorporação de teorias científicas na composição dos romances, cujos maiores representantes foram Émile Zola e Gustave Flaubert.

A noção de “real”, no romance, está mais ligada ao modo de como escritores como Samuel Richardson, Daniel Defoe, Henry Fielding, Denis Diderot, Voltaire, etc. trabalharam os elementos que privilegiaram a inovação e a individualidade do gênero em relação às outras formas e no tocante à produção realizada, por exemplo, por Miguel de Cervantes. Ian Watt, sobre esses aspectos, explicita que:

As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade. (WATT, 2007, p. 14-15).

Os romancistas do século XVIII romperam com a ideia de um enredo calcado, unicamente, na história, nos mitos, nas fábulas e noutras referências literárias do passado. Nesse sentido, eles difeririam de:

Chaucer, Spenser, Shakespeare e Milton, por exemplo, que, como os escritores gregos e romanos, em geral utilizaram enredos tradicionais; e em última análise, fizeram porque aceitavam a premissa comum de sua época segundo a qual, sendo a Natureza essencialmente completa e imutável, seus relatos – bíblicos, lendários ou históricos – constituem um repertório definitivo da experiência humana. (WATT, 2007, p. 15).

Além do enredo inovador, o romance setecentista trouxe à baila outra característica, a particularização das personagens dum modo mais complexo e detalhado, o que o tornava mais realista. Isto o diferenciava doutros gêneros e dos romances escritos outrora. As *personas*, pela primeira vez, passaram a ser nomeadas da mesma forma que os indivíduos duma determinada

sociedade. Logicamente, o ato de nomear as personagens era feito antes, contudo, “o autor não estava tentando criá-las como entidades inteiramente individualizadas”. (WATT, 2007, p. 19). O fato é que a crítica clássica e a renascentista concordavam com o uso de nomes de figuras históricas ou de tipos. (WATT, 2007, p. 20). Mas, como já foi dito, os romancistas do século XVIII romperam com a referida tradição ao “batizarem suas personagens de modo a sugerir que fossem encaradas como indivíduos particulares no contexto social contemporâneo”. (WATT, 2007, p. 20).

O romance do século XVIII romperá também com a noção de tempo imposta por outros gêneros. A tragédia, por exemplo, segundo os preceitos clássicos, possui sua ação restrita a vinte e quatro horas. Todos os atos teriam que acontecer, pois, dentro desse prazo. A prosa romanesca, por sua vez, graças à sua característica amorfa, não se guiará por essa noção cronológica reduzida. Samuel Richardson, no romance epistolar **Clarissa** (1748), compõe uma trama que se desenrola num período de tempo extenso e preciso. Assim, o leitor é informado que Clarissa faleceu numa quinta-feira, 7 de Setembro, às dezoito horas e quarenta minutos. Não se tem, portanto, a ideia de criar a ficção para ser, *a priori*, atemporal e, por conseguinte, universal, como ocorre nos dramas e nas ficções clássicas.

Se o tempo foi modificado na prosa romanesca, o espaço também não ficaria estancado com o advento das novas técnicas literárias. Na comédia, na tragédia e na narrativa, o lugar era tão genérico e vago quanto o tempo. Segundo Watt (2007), até mesmo nas narrativas picarescas, as descrições físicas, vividas e particularizadas, são incidentais e fragmentárias. Foi a partir de Daniel Defoe que o espaço ganhou uma descrição mais detalhada. Samuel Richardson também, apesar de não ter se dedicado a descrever, em seus romances, o espaço natural, detalhou com maestria os espaços interiores. Na obra do autor de **Pamela** (1740) é possível ler boas descrições de mansões, interiores de prisões, etc. Para Watt, a mansão dos Harlowe, que aparece em **Clarissa**, tem uma força física e moral terrivelmente real. (WATT, 2007, p. 26). Henry Fieldings, por seu turno, descreveu com precisão as paisagens que o protagonista de **Tom Jones** (1745) percorre durante suas andanças, no decorrer da narrativa. Pode-se dizer que Richardson, Defoe e Fieldings, ainda no século XVIII, fizeram avanços notáveis

no tocante ao espaço romanesco. Essas inovações, sem dúvida, influenciaram, no século seguinte, Honoré de Balzac, Charles Dickens, Gustave Flaubert, Émile Zola, etc.

A CRÍTICA AO ROMANCE

No período setecentista, o rompimento com os gêneros tradicionais e a fixação do romance como um gênero digno de valor não foi uma tarefa fácil. A prosa romanesca era tida como inferior, tal como era na Antiguidade Clássica. Os autores e críticos da Idade Moderna, ao recuperarem o conhecimento clássico durante o Renascimento e também durante o Iluminismo, resgataram o mesmo olhar de desconfiança em relação ao romance. Na França, os próprios escritores que se dedicavam ao gênero depreciavam-no. Numa das passagens metalinguísticas de **Jóias indiscretas** (1748), de Denis Diderot, uma personagem recomenda à outra um potente remédio contra os gases cuja fórmula se baseava na leitura de romances:

Administro-lhes três pitadas de **Gil Blas** todos os dias: uma de manhã; uma depois do almoço; uma à noite. Quando tivermos visto o fim de **Gil Blas**, tomaremos **O diabo coxo**, **O bacharel de Salamanca**, e outras obras jocosas dessa natureza. Algumas centenas e alguns anos dessa leitura terminarão a cura. [...] Eu sempre tratara os romances como produções bastante frívolas; enfim descobri que eram bons para os vapores; indiquei a receita a Tronchin na primeira vez em que o vir. *Receipe*: oito a dez páginas do Romance cômico; quatro capítulos de **Dom Quixote**; um parágrafo bem escolhido de Rabelais; misture o todo numa quantidade razoável de **Jacques**, o fatalista ou de **Manon Lescaut**; e varie estas drogas como se variam as plantas, substituindo-as por outras que tem mais ou menos a mesma virtude (DIDEROT *apud* MATTOS, 2004, p. 14).

Voltaire, que, além de dedicar-se à filosofia, escreveu também ficção, não admitia que escrevia romances. O filósofo francês classificava suas obras literárias como: “fábulas”, “contos de velhas”, “devaneios”, etc. (MATTOS, 2004, p. 19). Em **Cartas filosóficas** (1734), numa das passagens dedicadas a Locke, ele afirma que:

Dividam o gênero humano em vinte partes. Há dezenove compostas daqueles que trabalham com as mãos e que jamais saberão se houve ou não um Locke neste mundo; na parte que resta, acham-se poucos homens que lêem, e entre os que lêem, há vinte que lêem romances contra um que estuda filosofia; o número dos que pensam é excessivamente pequeno (HEUVEL *apud* MATTOS, 2004, p. 19).

O romance era visto, pois, como algo inferior que desviava a atenção dos leitores para a leitura de obras, à época, consideradas mais sérias, isto é, para os livros de filosofia.

Jean Jacques Rousseau, apesar de também ter escrito um romance de destaque – **A nova Heloísa** (1760)–, foi um ferrenho crítico do gênero. É interessante ressaltar que o autor de **O contrato social** acusava o romance de despertar paixões cujo resultado seria o desencadeamento de atos criminosos. O gênero dramático também, durante o século XVIII, sofrera com as mesmas críticas doutros autores. Todavia, por ser cultuado pelos principais estudiosos da Antiguidade e da Idade Moderna, e por contar com uma forma fixa estabelecida nas poéticas, os ataques foram, em sua maioria, ignorados. Assim, não é de se estranhar que, por isso, algumas produções romanescas do século XVIII, bem como algumas dos séculos subsequentes, preocupavam-se com a educação de seus leitores. A obra de Rousseau, **A nova Heloísa**, é um exemplo duma narrativa cujo objetivo principal era o de passar um ensinamento moral para o leitor. Samuel Richardson também possuía essa preocupação. **Pamela**, um de seus principais romances, foi concebido, primeiramente, como um manual para que as moças mantivessem suas virtudes e, conseqüentemente, não cedessem às tentações do mundo. Porém, aconselhado por um amigo, o romancista, sabendo do crescente público leitor de romances, decidiu modificar o projeto e transformou os conselhos num romance epistolar.

As críticas que o romance sofreu se estenderam também aos séculos XIX e XX. Basta lembrar do processo contra Gustave Flaubert, que, em **Madame Bovary** (1857), escandalizou a sociedade ao descrever, cirurgicamente, o adultério. Seja por motivações políticas, econômicas ou por quaisquer outras, o romance foi taxado como algo perigoso. Mesmo assim, já no final do século XVIII, apesar das fortes críticas, ele tornou-se um dos principais gêneros literários.

O SISTEMA LITERÁRIO ROMANESCO E AS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS ROMANESCAS

Além das aludidas técnicas literárias responsáveis por levarem o romance e a literatura a um novo patamar, seria um erro não mencionar o papel fundamental da burguesia na ascensão do gênero em questão. Ganhando força ainda na Idade Média, a classe burguesa, no século XVIII, promoveu uma das maiores revoluções de todos os tempos: a Revolução Francesa. Na Inglaterra, contudo, os burgueses já lutavam pelo poder político e econômico, de forma mais acentuada, no século XVII. Nesse período, a burguesia inglesa já teria promovido uma revolução; os burgueses diminuíram o poder da monarquia e se colocaram, política e economicamente, no cerne da sociedade. O certo é que, no final do século XVIII, período em que o romance já começava a ser visto como um gênero valorizado, o poderio burguês estava em franca expansão. A classe econômica que, naquele momento, era a protagonista da Europa, queria ser refletida nas manifestações literárias, e assim foi feito. Desse modo, os ideais da burguesia, bem como sua visão de mundo, seus defeitos, seus valores, etc., foram trazidos à tona pela pena dos romancistas. A literatura, nesse contexto em que a burguesia passou a dominar e a ditar as regras sociais, tornou-se um produto a serviço dessa classe emergente. Por isso, no século XIX, a escrita e a venda de folhetins, França, alavancou a venda de jornais, emocionou leitores, criou uma legião de fãs. O romance, além de ter se tornado uma mercadoria rentável, foi transformado na epopeia da burguesia.

Todavia, tanto a ascensão burguesa como os avanços da narrativa romanesca não são suficientes, a meu ver, para explicar o porquê dos romances de Cervantes, de Guevara, dentre outros, terem sido ignorados por alguns historiadores literários. Poder-se-ia dizer que Watt, por exemplo, estaria escrevendo uma história do romance privilegiando os autores ingleses por ser também inglês. Apesar disso ser plausível, prefiro trabalhar também com a ideia de sistema literário elencada por Antonio Candido, em **A formação da literatura brasileira** (1986), que consiste em: um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel, um grupo de receptores e um mecanismo transmissor. As obras que não estão compreendidas nesse sistema seriam, para Candido, manifestações literárias como, por exemplo, as

da literatura barroca produzida no Brasil. Apesar de ter sido criada visando o estudo da história da literatura brasileira, penso que o sistema literário de Candido pode ajudar a pensar a importância dos romances do século XVIII como ponto de partida para a consolidação do gênero.

Nesse sentido, afirmo, desde já, que não quero, aqui, sequestrar os romances anteriores a Samuel Richardson, Daniel Defoe, Henry Fielding, Denis Diderot, Sade, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau etc. Contudo, defendo que as obras de Miguel de Cervantes, François Rabelais, Luis Vélez Guevara, etc., seriam, pois, manifestações romanescas, tal como as manifestações literárias que fizeram com que o historiador brasileiro excluísse o barroco da ideia de sistema literário. As produções dos referidos autores, à época em que foram publicadas, tanto o romance escrito durante a Antiguidade Clássica, como o anterior aos Setecentos, não contavam com um grupo de receptores (falo aqui em sentido estrito), e muito menos com um grupo de produtores que estariam, mais ou menos, a par de seu papel como romancistas. Esse sistema literário romanesco, de fato, só seria possível a partir da segunda metade do século XVIII, uma vez que, nesse período, o público leitor de romances começou a ganhar corpo e os escritores, principalmente os ingleses, passaram a ter a consciência de que estariam produzindo obras romanescas. Entretanto, como se viu, o referido sistema romanesco consolidar-se-á somente no século XIX, período que pode ser considerado como o apogeu do romance.

O ROMANCE ROMÂNTICO E O ROMANCE REALISTA-NATURALISTA

Com o alicerce bem sedimentado nos Novecentos, o romance foi levado a sério e, nesse contexto dominado pela burguesia, tornou-se um produto rentável. Escritores como Eugène Sue, Lamartine, Alexandre Dumas, Walter Scott, dentre outros, influenciados pelo romantismo, escreveram romances que eram lidos avidamente. Théophile Gautier, escritor do século XIX, dizia, em tom de blague, que os doentes adiavam a morte para poderem ler o último capítulo de **Os mistérios de Paris** (1842), de Sue. Honoré de Balzac, um dos responsáveis pela transição do romance romântico para o realista, escreveu mais de sessenta obras que compõem a chamada **Comédia**

humana. Este monumental trabalho descreve, com uma grande riqueza de detalhes, a primeira metade do século XIX francês. Friedrich Engels, numa carta dirigida a Karl Marx, elogia a descrição apurada da sociedade francesa, feita pelo autor de **O pai Goriot** (1835).

Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa da primeira metade do século, inclusive seus pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da Revolução), do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatística da época, todos juntos. (ENGELS *apud* MACHADO, 2008).

Trilhando os passos de Balzac, o escritor Émile Zola, valendo-se das teorias deterministas, evolucionistas e hereditárias do século XIX, escreveu vinte romances que contam a derrocada duma família durante o Segundo Império Francês. O romance passou, pois, a ser encarado como uma obra de teor científico.

No Brasil, a prosa romanesca ganhou destaque também no século XIX. Antes mesmo da independência do país, D. João VI, fugindo das tropas napoleônicas, estabeleceu-se na colônia. O monarca português foi responsável por ter trazido a imprensa para as terras brasileiras. Assim, difundiu-se, por aqui também, a leitura de romances franceses. **Paulo e Virgínia** (1787), do escritor francês Bernadin de Saint Pierre, por exemplo, foi um dos grandes *bestsellers*.

No Brasil, depois de 1822, devido à independência, um projeto romântico de literatura surgiu para auxiliar na criação da identidade nacional. Apesar da tentativa de alguns autores brasileiros de produzirem romances nos anos de 1820 e 1830, o gênero, em sua vertente nacional, ganhou força, somente, na década de 1840. José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Franklin Távora, dentre outros, romancearam vários aspectos da sociedade brasileira. O autor d' **O Guarani** (1857), talvez tenha sido, durante o período romântico, o mais bem sucedido prosador brasileiro. A prosa realista-naturalista também contaminou os romancistas nacionais. Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Adolfo Caminha, Coelho Neto, Canto e Mello e diversos outros escritores, por meio de seus romances,

enxergaram a sociedade do Segundo Império e o início da República, através das lentes naturalistas.

O romance, em suas diversas vertentes, é atualmente, tanto no Brasil como noutras partes do Ocidente, o gênero literário que possui maior destaque. Se era outrora desprezada, a prosa romanesca é, hoje, sem dúvida, mais praticada que a poesia e o drama. O romance, devido à forma metamórfica e à capacidade de agregar, em sua composição, diversos gêneros, ainda tem espaço neste século marcado por inúmeras mídias.

ABSTRACT

This work aims to show and analyze some elements from the history of novel. The trajectory of the novel, across the centuries, is too long for it to be possible, in this article, to show all the facts that compose it. Hence, there were selected three periods of this genre's history: the Classical antiquity, the Modern Age (18th century) and the 19th century.

Keywords: History of novel. Literature. Novel. 18th century. 19th century.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKTHIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: EDUSP, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v. 1.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986, v. 4.

GALLAGHER, Catherine. Ficção. In: FRANCO MORETTI (Org.) **A cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. p. 629-658.

MACHADO, Ivan Pinheiro. A comédia humana. In: BALZAC, Honoré. **A pele de onagro**. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 7-10.

MATTOS, Franklin de. **A cadeia secreta**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.